



# XIV Encontro Nacional da ANPUR

23 a 27 · maio · 2011 · Rio de Janeiro

---

XIV ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR

Maio de 2011

Rio de Janeiro - RJ - Brasil

---

POLÍTICA DE HABITAÇÃO INDÍGENA NO PARANÁ

**Milton Morato Paraná** (UFPR) - parana@gmail.com

*Jornalista, Especialista em Literatura Brasileira e Historia Nacional, Mestrando em Antropologia Social*

## **Política de habitação indígena no Paraná**

Esse texto se refere à pesquisa em andamento no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social na Universidade Federal do Paraná (PPGAS-UFPR) sobre as políticas públicas de habitação implantadas para as comunidades indígenas no estado do Paraná. Na primeira parte do texto apresento um breve levantamento sobre as habitações tradicionais dos 3 grupos indígenas paranaenses, e depois uma apresentação de um programa de habitação indígena municipal realizado em Curitiba, e o programa de habitação realizado pelo governo estadual.

### **Habitação Kaingang**

Segundo Jose Loureiro Fernandes(1941), o território tradicional dos Kaingang era a área entre os rios Uruguai e Iguaçu. Na medida em que os interesses coloniais facilitaram, no século XVII, o aniquilamento das populações Guarani aldeadas pelos jesuítas espanhóis, os Kaingang se expandiram para o norte e sul daqueles rios.(FERNANDES, 1941) Tommasino(2000), ao analisar a mobilidade territorial dos Kaingang chama a atenção para não nomeá-los erroneamente como nômade. “Nomadismo implica abandono de um território e ocupação de outro e esse não parece ser o caso dos Kaingang” (MOTA, NOELLI, TOMMASINO, 2000, p.200). Os Kaingang não abandonavam suas casas fixas, nelas ficavam alguns parentes enquanto outros saíam para caçar, pescar ou coletar e se estabeleciam nas residências temporais.

As aldeias tradicionais Kaingang não possuem o mesmo formato usado normalmente pelo grupo Jê, que são num formato semi-circular ou circular.

Viajantes que passaram pelo Paraná no período provincial escreveram relatos sobre as habitações indígenas.

Bigg-Witther<sup>1</sup>(1974), descreve uma aldeia Kaingang em 1878:

Guiados pelo próprio cacique, visitamos todas as palhoças, em número de 4. Essas palhoças eram retangulares no plano, embora fossem de tamanhos diferentes, todas de largura e altura uniformes, sendo a largura de 15 pés. A maneira de construir era peculiar e de difícil descrição. A armação consistia de vergõteas verdes, com um comprimento de 16 a 18 pés, enfiadas no chão num espaço de 2 pés entre uma e outra, em duas linhas paralelas, com uma distância de 15 pés. Estas vergõteas, nas palhoças prontas, eram curvadas em direção uma da outra, até que as pontas se encontrassem. Nesta posição eram amarradas a um pau que servia de cumieira, colocado em cima, ao comprido. Havia outros paus, servindo de sarrafos, amarrados, horizontalmente sobre as vergõteas curvadas. A cobertura era de folhas de palmeira, que vinham desde a cumieira até o solo. As duas extremidades da palhoça eram tapadas com uma armação de varas de bambu, também cobertas de folhas de palmeira. A diferença estava em que, enquanto os lados eram curvos e formavam o telhado e a estrutura principal da palhoça, as extremidades eram de paredes retas, sem serem absolutamente necessárias como sustentáculo do resto da estrutura. Havia em cada lado uma abertura estreita para a entrada e saída, coberta de folhas de palmeira, de maneira tal que, ao entrar ou sair uma pessoa, a única coisa a fazer era puxá-las para um lado. Essa é a palhoça comum de todos os índios da tribo dos Coroados, quer selvagens ou mansos. (BIGG-WITTHERR, 1974, p.142)

O engenheiro e naturalista Franz Keller<sup>2</sup>(1974) também descreve uma casa Kaingang:

Os ranchos d'elles, cobertos de folhas de palmeira, apresentam na secção uma forma ogival mais pontuda, é são mais altos em proporção da largura do que os dos Cayoás. O chão batido tem um declive suave dos dous lados para o centro, em conformidade com a inclinação necessária para as camas, representadas por imensos pedaços de casca grossa d'um pão, e tão lisas que parecem tapetes de caoutchouc ou gutta-percha. A rede do Guarani e Cayoá é-lhes desconhecida. No meio das duas fileiras de camas fica uma passagem livre, onde cada família faz o fogo para o preparo das comidas. As panellas de bano bem cozido tem uma forma geral menos elegante de que as dos Cayoás, porém distinguem-se por um polido ou verniz durável de côr preta que sabem dar-lhes pela fricção com as folhas do palmito. Às vezes mostram ao lado exterior ornamentos do mesmo estylo com são os dos curús."(KELLER, in LOVATO, 1974, p.17)

Telêmaco Borba<sup>3</sup>(1908) escreveu que os Kaingang

vivem reunidos aos magotes de 50, 100 e mais individuos, sob a direção de seos caciques. Não teem habitação permanente; geralmente se mudam todos os annos, à proporção que vão rareando os meios naturaes de sua subsistencia. Quando encontram local abundante em caça e mel, constroem grandes ranchos, de 25 a 30 metros de extensão, cobertos e cercados com folhas de palmeira, sem nenhuma divisão interna, [...] no centro desses ranchos accendem os fogos para cada família.(BORBA, 1908, p.7-8)

Para José Loureiro Fernandes, o Frei Luiz de Cimitille<sup>4</sup> escreveu a primeira etnografia sobre os Kaingang realizada no Paraná. O Frei Cimitille, que soube associar ao seu trabalho de "evangelização", a coleta dos "costumes dos primogênitos do solo Americano", e que teria escrito o primeiro trabalho monográfico sobre os Kaingang do Paraná, intitulado: "Memória sobre os costumes e religião dos índios Camés que habitam a Província do Paraná". (FERNANDES, 1956)

O texto do Frei Cimitille descreve as habitações "Em ambos os lados da cabana estendem grandes cascas de árvores as quais servem para assento, mesa e cama onde dormem enfileirados com os pés sempre para o lado do fogo e sem distinção de sexo." (CIMITILLE,1882). Descreve também o interior das residências:

nunca deixam repartimento algum, mas conservam um espaço de três a quatro palmos de largura e de todo o comprimento da cabana para o fogo, podemos depreender que eram cabanas de base alongada, possivelmente quadrangular, largas de quatro metros pelo menos. Outras indicações que nos são fornecidas: tinham cobertura de folhas de palmeiras, apresentavam tamanho variável conforme o número de indivíduos que deviam abrigar, e eram quasi sempre construídas em elevações na distância de duzentos a trezentos metros longe d'água. ( CIMITILLE,1882)

Frei Cimitille também fala sobre a domesticação dos animais e aves silvestres, da predileção por determinados animais domésticos como o cão e a galinha. Ao se referir à alimentação, acentua predominam os meios de subsistência obtidos na floresta, através da caça, da pesca, e da coleta, pois plantariam, apenas, milho e feijão.

## Habitação Guarani

Os grupos Guaranis encontrados no Paraná são os Mbya e Nandevã. Eles possuíam um padrão para ocupar novas áreas sem abandonar as antigas. Os grupos locais se dividiam com o crescimento demográfico, ou por problemas políticos, indo habitar áreas próximas, levando consigo seus objetos e plantas. Assim como trouxeram suas casas, vasilhas cerâmicas e outros objetos, os Guarani também traziam diversas espécies de vegetais úteis para vários fins (alimentação, remédios), contribuindo para o aumento da biodiversidade.

As aldeias tinham tamanhos variados, podendo comportar mais de mil pessoas organizadas socialmente por meio de relações de parentesco e de aliança política. Essas famílias extensas viviam em casas longas, e cada aldeia poderia ter até sete ou oito casas. As casas eram construídas de madeira e folhas de palmáceas, podendo abrigar até trezentas ou quatrocentas pessoas e alcançar cerca de trinta ou quarenta metros de comprimento por até sete ou oito metros de altura. Algumas aldeias, dependendo de sua localização, poderiam ser fortificadas, estando cercadas por uma paliçada. (MOTA, 2008, p.27)

## Habitação Xetá

Os xetás habitavam o noroeste do Paraná, entre os rios Ivaí e Paraná, na região onde atualmente fica a cidade de Umuarama. Na época do contato, em 1940, já seriam poucos. Estavam debilitados pela redução de sua área de domínio, ocupada pela agricultura cafeeira. (SILVA, 1998)

Em 1872, a expedição do engenheiro Bigg-Wither, próximo ao Rio Bonito, afluente do rio Ivaí, encontra um grupo de 26 indígenas chamados "botocudos". Telemaco Borba(1904), relata a existência de índios cativos, provavelmente xetás, entre os kaingang, na região do Rio Ivaí.

Em 1956, uma expedição do Serviço de Proteção ao Índio(SPI) chefiada pelo professor Jose Loureiro Fernandes, contactou um grupo de 30 Xetás em 3 acampamentos. Segundo Vladimir Kozak, que participou da expedição de 1981, este grupo desapareceu logo depois deste contato, mortos por uma epidemia de gripe. Kozak realizou gravações dos cantos e mitos e além de fotografias e gravações em vídeo. Entre 1955 e 1961 esse trabalho etnográfico prossegue com um grupo de 18 Xetás na fazenda Santa Rosa.

Bigg-Wither{1974} descreve uma aldeia dos xetás situada nas vizinhanças de Colônia Tereza:

Lá estava o pequeno rancho com a fumaça saindo pela cobertura de palha em forma de cúpula entrando em seu interior pelas paredes laterais de bambu, que não ofereciam a menor resistência, se bem que não se visse nenhuma porta ou abertura, o rancho estava completamente vazio. No chão duro havia um machado de pedra, e do teto escurecido pela fumaça pendiam algumas cabaças. A clareira era bastante pequena menos de vinte jardas de diâmetro. O rancho situado quase no centro, tinha a forma de cúpula, diferindo assim dos coroados, construído inteiramente de bambu. Seu ápice tinha apenas 7 pés de altura no interior e o diâmetro embaixo não ia além de nove pés. Parece que na parede de bambu havia dois pequenos orifícios, bem perto do chão, por onde bugres entravam e saíam. O rancho parecia ter

cerca de dois anos de existência e, pelos brasidos acesos continuamente em seu interior, toda a superfície interna estava coberta de uma fuligem negra, lustrosa, que dava aos bambus e a sua armação uma aparência quase metálica. (BIGG-WITHER, 1974 p.287}

Kozäk(1981)<sup>5</sup> nos dá maiores informações sobre os acampamentos dos Xetás. Segundo Kozäk, os acampamentos estavam voltados para o oriente, à pequena distancia de um curso d'agua e apresentavam de 3 a 5 abrigos{Ta puy) em forma de domos colmados. Os abrigos dispunham-se em um círculo irregular de 6m de diâmetro, sendo que em cada choça viviam de 4 a 6 pessoas.

## **As casas indígenas atuais**

### ***Aldeia Kakané Porá***

Em março de 2004, aproximadamente 100 índios chegaram a Estação Ecológica do Cambuí, que fica numa área de proteção ambiental no interior do parque Iguaçu ,na divisa entre Curitiba e São José dos Pinhais, na Avenida Comendador Franco 9553. As construções da estação ecológica estavam desocupada há alguns anos e serviram de abrigo para as famílias indígenas. "Quando chegamos aqui, estavam nas paredes várias fotos e cartazes sobre os índios, mas índio mesmo é a primeira vez que aparecia", disse o cacique Carlos Alberto Luiz dos Santos, o "Kajer", de 40 anos, da etnia Kaingang. Parte do grupo veio de uma aldeia indígena em Mangueirinha (interior do Paraná). "Lá temos uma área grande para viver, mas não conseguimos renda suficiente, disse o Cacique Carlos. No local funcionou o Museu Ecológico da Reserva Biológica do Cambuí, organizado pelo geólogo, ex-professor da UFPR, e ambientalista João José Bigarella que foi desativado a aproximadamente 15 anos, depois de uma enchente, mas parte do material ficou lá.

Havia um pedido de reintegração de posse da área desde agosto de 2004, mas a reintegração foi negociada entre a Prefeitura de Curitiba, FUNAI, ONGs. O que garantiu os serviços de água e luz ligados no Cambuí. Em 14 de março de 2007, com a demora do começo das obras da futura aldeia, prometida pela Prefeitura de Curitiba, e pela Companhia de Habitação de Curitiba(Cohab-Curitiba), um grupo de índios foi ao terreno onde seria construída a nova aldeia, para protestar, na época era prometida a entrega da aldeia em 29 de março de 2007.

No Cambuí os índios dividiam pequenas casas e 1 barracão. Havia apenas 3 banheiros, e 2 chuveiros, sendo que 1 deles estava estragado e só podia ser utilizado para banho de água fria. As roupas eram lavadas em uma caixa de água antiga compartilhada por toda a comunidade. Havia sinais de umidade, falta de saneamento e grande quantidade de insetos.

Em 27 de novembro de 2008, funcionários da Cohab-Curitiba(Companhia de Habitação de Curitiba) estiveram no Cambuí fazendo um cadastro dos moradores para a transferência pra nova aldeia, que estava em construção. O índio Alcino de Almeida, conta que foi um dos primeiros moradores da reserva Cambuí. "Já preenchemos outros cadastros anteriormente, mas ninguém resolvia o nosso problema. Agora, teremos a solução definitiva".

No dia desde 9 de dezembro de 2008, 129 pessoas, 27 famílias de índios kaingang, 4 da etnia guarani, e 4 da etnia xetá mudaram para as 35 casas de 43 m<sup>2</sup> construídas pela Companhia de Habitação Popular de Curitiba. A nova aldeia tem uma área de 44,2 mil metros quadrados (equivalente ao tamanho de pouco mais de cinco campos de futebol). O terreno fica no bairro Campo do Santana, próximo da BR-116, na Região Sul de Curitiba, e próximo ao aterro do Caximba, e a algumas olarias, fábrica de telhas e cerâmicas, o que gera um trânsito de caminhões pelo local. A aldeia tem 35 casas, ao redor de uma praça. Não ha subdivisão de lotes. As casas ficam ao lado de um bosque de 9,6 mil metros quadrados, existente no terreno.

Nas primeiras casas, logo na entrada da aldeia mora o cacique, e em frente à da vice-cacique. Percebi que apenas 4 famílias sabiam qual era a sua casa antes da entrega das chaves, e estas eram as lideranças da aldeia, além da família do cacique e da vice- cacique, o ex-cacique, e uma índia Kaingang que cuida freqüentemente da venda do artesanato.

Enquanto acontecia a "inauguração da aldeia", do lado de fora da aldeia os moradores do bairro aguardavam a presença do então prefeito de Curitiba, Beto Richa, que viria para a inauguração, e faziam um protesto contra o lixão do Cachimba. Em virtude da manifestação o prefeito não compareceu, mas vereadores e outras autoridades estiveram presentes

O nome da aldeia surge da união das palavras "kakané", do kaingang, que significa 'fruto da terra' e "porã", do guarani, que significa 'bom', um nome que segundo as autoridades presentes, representaria a multiplicidade dos indígenas da aldeia – mas não existe nenhuma referência aos Xetás no nome da aldeia.

O então presidente Cohab-Curitiba, Mounir Chaowiche, esteve presente, e disse que foram gastos R\$ 705 mil com as casas e benfeitorias., valor esse financiado pelo Programa de Aceleração do Crescimento(PAC). De acordo com um termo de comodato entre a Prefeitura de Curitiba e a Funai, as famílias não poderão ceder, nem vender, nem desvirtuar o uso residencial dos imóveis. O grupo terá incentivo para manter hortas e pomar naquele espaço, e acesso aos programas oferecidos pela Funai e pela Fundação Nacional de Saúde (Funasa). Mesmo não tendo que pagar pelos imóveis, cada família paga os custos com água e energia elétrica. Os índios também se comprometem a cuidar de um bosque existente na área da aldeia.

Uma das grandes novidades na vida dos índios que vivem na aldeia urbana é a

presença de chuveiro elétrico. Antes eles tomavam banho frio ou tinham que esquentar água para fazer a própria higiene. "Vai ser bom principalmente no inverno. Minha filha mais velha, de 6 anos, era a que mais sofria com a falta de chuveiro quente. Ela tinha que tomar banho pela manhã, antes de ir para a escola e quase morria de frio no inverno", disse Cleuza Fernandes, índia Guarani que mora com dois filhos e um irmão. Opinião semelhante possui a índia guarani Elza, que mora com o marido Rivelino e quatro filhos "É uma maravilha ligar o chuveiro e tomar banho sem ter que carregar balde de água", diz Elza. Outra maravilha, na opinião de Elza, é a pia para lavar louça que finalmente vai poder comprar. "Agora eu posso ter uma pia. Antes, nem adiantava querer porque não tinha como".

Interessante perceber que, normalmente, o discurso das pessoas não-indígenas que recebem as chaves de suas casas em programas de habitação popular é focado na própria casa, a "casa é a realização do sonho", a casa é o valor por si mesma, não o que teria dentro dela.

Uma característica comum em relação aos moradores de áreas irregulares, é a tendência a uma "disposição deslocável", na medida que morar em uma área irregular, é morar numa área que sabem que terão que deixar – ainda mais quando já existe uma ordem de reintegração de posse. Normalmente, nesse local esses moradores não fazem grandes benfeitorias. O medo de perda da moradia e outros bens vinculados a ela em caso de remoção e despejo, tenderiam a alimentar essa disposição. Depois de ouvir sobre o grande benefício inicial da mudança, ter um chuveiro de água quente, me lembrei que ao visitar as casas já no dia entrega das chaves, não havia chuveiro instalado nos banheiros, o que comprovei nas fotos que fiz dentro das casas, ou seja, foram instalados depois, e talvez, comprados pelos próprios moradores das casas. Esse já poderia ser um sinal de vontade de permanecer e investir naquela nova aldeia.

O cadastramento realizado pouco antes da mudança para a aldeia mostra que a Kakané Porã é habitada por uma população jovem. Dos 129 moradores da aldeia:

- 33% dos moradores são crianças com até 11 anos; 12% são adolescentes, com idades entre 12 e 17 anos; 29% têm entre 18 e 30 anos; 22% têm entre 31 e 50 anos e só 4% têm mais de 50 anos;
- As famílias, em sua maioria, são pequenas: 62% têm até quatro pessoas; 30% têm entre 5 e 6 pessoas, e 8% têm mais de 6 pessoas;
- Entre os moradores que não estudam, 45% não concluíram o ensino fundamental e, entre os que estão estudando, 75% ainda não chegaram à 8ª série;
- A renda familiar está mais concentrada na faixa entre R\$ 400 e R\$ 700 mensais, onde estão enquadradas 33% das famílias. Outras 30% ganham entre R\$ 200 e R\$ 400; 21% recebem mais de R\$ 700, e 16% declararam não ter renda alguma;

- Só 16% trabalham com carteira assinada; 2% são assalariados mas não têm vínculo empregatício; 40% se disseram autônomos; 33% não trabalham e 9% não souberam definir a sua condição.

É possível perceber que a população da aldeia é jovem, em sua maioria masculina. Até os 24 anos de idade existem 47 homens, e 30 mulheres.

As casas, que inicialmente seriam diferentes para cada etnia indígena, casas de um modelo para os Kaingangs, e de outro modelo para os Guaranis, e sem nenhum comentários sobre as casas para os Xetás, acabaram sendo todas iguais, fato que o próprio chefe dos pedreiros me confirmou. No centro da aldeia, de formato circular, fica uma choupana usada para reuniões, festas e encontros.

Alguns índios possuem carro, ou, eventualmente, estão com um carro emprestado de uma ONG ou de um colaborador da aldeia, nesses casos, a varanda da sua casa vira estacionamento, mesmo não cabendo um carro inteiro dentro dela, mas isso faz com que a porta principal da casa não possa ser utilizada. Em algumas casas os índios construíram uma espécie de depósito ao lado para guardar objetos, cestarias etc.

Em uma das minhas idas de ônibus até a aldeia, ouvi o motorista falando para o cobrador da linha Caximba ao se aproximar da aldeia, “porque esses índios não ficam no mato, tanta gente precisando de casa.” Esse comentário mostra como para muitas pessoas parte da população o “lugar de índio é no mato”. Um dos pedreiros que trabalhou na construção da aldeia contou-me que quase todo dia aparecia alguém perguntando se era um novo conjunto habitacional, se eram casas pra alugar. Por isso colocaram a placa de “Não entre” na entrada da aldeia, placa só retirada no dia da mudança.

Para Stephen Baines, a dúvida popular quanto a ser possível preservar a comunidade indígena no contexto da cidade “baseia-se no preconceito humilhante de que o índio pertence à mata e deve permanecer em sua aldeia”. Nessa discussão, a própria designação “índios urbanos” normalmente utilizada para essas populações é criticada por alguns sob a alegação de reforçar a associação da identidade indígena com o pertencimento a este ou aquele lugar.(BAINES, 2001)

## **O Programa Estadual ‘Casa da Família Indígena’**

A companhia de Habitação do Paraná(COHAB-PR) possui, desde 2003, um programa de construção de casas em comunidades indígenas, chamado ‘Casa da Família Indígena’, que, segundo o Governo do Estado do Paraná, respeita a individualidade de cada etnia. São 2 projetos de casas diferentes, um para os Kaingangs, um para os Guaranis.

As casas possuem 52 m<sup>2</sup>, são construídas em alvenaria com esquadrias em madeira,

2 quartos, sala, cozinha, banheiro externo, varanda, e cobertura em telhas de cerâmicas. O investimento do Governo em cada casa é de aproximadamente R\$ 10 mil. Na década de 1980 o governo do Paraná construiu casas pré-moldados em algumas aldeias.

Uma queixa que ouvi dos indígenas que moram nas novas casas é que, com a grande variação de temperatura no estado do Paraná, no verão, essas casas são muito quentes, e no inverno, muito frias.

Segundo indígenas que moram nas novas casas, com a mudança diminuíram os casos de doenças respiratórias acarretadas pela umidade e frio nas antigas casas, também os problemas com insetos teriam diminuído. Esses são informações que ainda precisam ser confirmadas nas enfermarias de aldeias que possuem um quadro de funcionários de saúde, e nos postos de saúde próximos.

Interessante perceber que mesmo tendo a nova casa, muitos não abandonaram, totalmente, a casa antiga, às vezes usando-a como depósito, e as vezes usando as 2 casas.

## Conclusão

A presença cada vez maior de índios nas grandes cidades, principalmente as capitais, seja esta presença permanente, buscando melhores condições de vida, de educação, ou 'de passagem', enquanto vendem seus produtos, buscam assistência médica etc. Se antes eram os Postos Indígenas que atraíam pela proteção (terra e ação policial, segundo Roberto Cardoso de Oliveira), que mesmo com serviços ineficazes já era suficiente para seduzi-los, as capitais tomam esse espaço hoje.

As políticas públicas melhoraram nas últimas décadas, mas ainda existe muito o que realizar. A construção de casas para os indígenas não basta por si, precisa estar acompanhada de outros programas. Não existe um modelo de casa indígena "melhor" e outro "pior", mas, cada um tem certas características, mas que podem ser aprimorados tendo em vista o perfil atual dos indígenas no Paraná.

## Notas

---

<sup>1</sup> O engenheiro inglês Thomas Plantagenet Bigg-Wither (1845-1890) esteve no Paraná, para a construção de ferrovias, de junho de 1871 a abril de 1875.

<sup>2</sup> Franz Keller-Leuzinger (Mannheim, Alemanha 1835 - Munique, Alemanha 1890). Fotógrafo, desenhista, pintor e engenheiro. Chegou ao Brasil em 1856, em companhia do pai e do irmão, para construir uma estrada de ferro Madeira-Mamoré na Região Amazônica. Tendo se casado com a filha do fotógrafo, livreiro e editor George Leuzinger, adicionou o nome deste ao seu, assumindo a direção do departamento fotográfico da Casa Leuzinger em 1860, tendo como aprendiz o jovem Marc Ferrez. Em 1865, viajou pelo Alto Amazonas. Vem ao Paraná com seu irmão Ferdinand Keller (1842-1922).

---

<sup>3</sup> Telêmaco Morosines Borba, que por longo tempo conviveu com os Kaingang como administrador do aldeamento de São Jerônimo em 1865, e mais tarde, em 1880, nomeado diretor dos índios da cidade de Tibagi, escreveu uma das primeiras monografias sobre eles.

<sup>4</sup> Frei Luiz de Cimitille, exerceu a direção do aldeamento de São Jerônimo, onde atualmente fica a cidade de São Jerônimo da Serra, de 1868 até 1881. O Barão de Antonina tomou posse de terras que pertenciam aos Kaingang para mais tarde doá-las ao governo Imperial para ser construído o aldeamento de São Jerônimo. O aldeamento de São Jerônimo foi fundado em 1869. Em 1876, o Aldeamento São Jerônimo tinha aproximadamente 220 índios aldeados, mas muitos apareciam em períodos diversos, como no inverno.

<sup>5</sup> O fotógrafo e cineasta Vladimir Kozak(1897-1979) chega ao Brasil em 1923, e participa de diversas excursões pelo Brasil, gravando e fotografando grupos indígenas.

### Referências bibliográficas

BAINES, Stephen .As Chamadas Aldeias Urbanas ou Índios na Cidade. Brasil Indígena. Brasília, V.2, N. 7, 15-17, nov./dez. 2001. Acesso em 10 / 06 / 2009 Disponível em [http://www.funai.gov.br/ultimas/artigos/revista\\_7.htm#001](http://www.funai.gov.br/ultimas/artigos/revista_7.htm#001)

BIGG-WITHER, Thomas. Novo caminho no Brasil Meridional: a província do Paraná, três anos de vida em suas florestas e campos(1872-1875). Rio de Janeiro, Jose Olympio, 1974.

BORBA, Telêmaco Augusto Enéas Morosini . Actualidade Indígena. 1908. \_\_\_\_\_ Observações sobre os indígenas do Estado do Paraná. Revista do Museu Paulista, vol. VI, p.53-62. São Paulo: Typographia do Diario Official, 1904.

FERNANDES, José Loureiro .Os Caingangues de Palmas. Arquivos do Museu Paranaense, v.1,p.161-229, 1941.

\_\_\_\_\_ "Frei Luís de Cimitile", Separata da Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes, III:1 Curitiba, 1956.

LOVATO, Leda. A contribuição de Franz Keller à etnografia do Paraná. Boletim do Museu do índio n° 1, nov. 1974. Rio de Janeiro: Ministério do Interior/FUNAI, 1974.

KOZAK, Vladimir . Os índios xetás. Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnológico Paranaense. vol XXXVIII., 1981.

MOTA, Lúcio Tadeu; NOELLI, Francisco Silva; TOMMASINO, Kimiye (orgs.). Uri e Waxi: Estudos Interdisciplinares dos Kaingang. Londrina, UEL, 2000. \_\_\_\_\_ Os Kaingang do Vale do Rio Ivai-PR – História e relações interculturais. Maringá. Editora da UEM. 2008.

SANTOS, Sílvio Coelho dos .Educação e sociedades tribais. Editora Movimento. Porto Alegre. 1975.